

797

A LIGA ACADÊMICA DE FITOTERAPIA E O PROJETO “CHÁ METODOLÓGICO”

F.A.O. Silva, F.I.C. Silva, I.L. Soares, M.A.M. Bandeira

Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil



Introdução: Uma liga acadêmica se baseia no tripé ensino, pesquisa e extensão e tem como papel fundamental a prestação de serviço à comunidade externa, divulgação científica por meio das pesquisas realizadas e a capacitação dos membros a fim de gerar discussões e fomentar o senso crítico destes. Pensando nisso a Liga Acadêmica de Fitoterapia (LAFITO) da Universidade Federal do Ceará criou o projeto intitulado “Chá Metodológico”, no qual são realizadas reuniões periódicas entre os membros com intuito de discutir artigos científicos que relacionem plantas medicinais a outras áreas clínicas tais como, imunologia, hematologia, bioquímica, entre outras. **Objetivo:** D

escrever a construção e realização do projeto “Chá Metodológico” desenvolvido pela LAFITO, bem como seu funcionamento e contribuições a sociedade.

Métodos: Para a realização do projeto montou-se inicialmente um escopo que fornecia orientações gerais, bem como os pontos e aspectos principais a serem abordados, e as metas que deveriam ser alcançadas ao final da reunião. Como materiais didáticos foram utilizadas mídias digitais, e plataformas on-line.

Resultados: Os artigos apresentados sempre englobavam descritores como “fitoterapia”, “plantas medicinais”, e utilização destes em áreas clínicas, durante as discussões os membros procuravam observar as técnicas usadas nos estudos, suas aplicações e utilidades em alguns tratamentos. Ao final da apresentação, cada membro dava seu feedback sobre o artigo e lançava uma ideia que impulsionasse a criação de projetos futuros. Além disso, no final das reuniões, os ligantes prepararam um material correspondente ao artigo apresentado e divulgaram nas mídias sociais, a fim de democratizar e tornar público o conhecimento científico.

Conclusão: É notória a importância do projeto chá metodológico na formação dos estudantes, garantindo uma maior autonomia na formação acadêmica e na facilitação da divulgação científica à comunidade, mostrando que por meio da ciência é possível trilhar um caminho para o futuro.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2020.10.799>

798

A REALIZAÇÃO DE MESA REDONDA SOBRE O TRANSPLANTE DE MEDULA ÓSSEA: CONVERSANDO E ENTENDENDO O ASSUNTO

D.Z.F. Alencar, A.V.A. Araujo, E.R. Lima, E.R.M. Gurgel, F.M. Arruda, L.G. Albuquerque, I.S.A. Mesquita, G.B. Lima, L.S. Barros, F.W.R.D. Santos

Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Fortaleza, CE, Brasil



Introdução: Há décadas, o transplante de medula óssea tem se tornado um procedimento terapêutico mais seguro e eficaz no tratamento de doenças hematológicas potencialmente fatais. Após a escolha desse método, inicia-se uma busca, muitas vezes árdua, por um doador compatível, pois a combinação de genes do doador e do paciente deve ser idêntica (100%) ou muito próxima do ideal (90%). No Brasil, apesar do aumento progressivo no número de doadores de medula, de 1 milhão em 2009 para 5 milhões em 2020, a quantidade ainda é baixa para suprir a demanda nacional de transplantes. São muitas as campanhas realizadas pelo Registro Nacional de Doadores (REDOME), porém motivos, como o medo e a falta de informação, impedem o cadastro de inúmeros doadores em potencial.

Objetivos: Esse trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivida por acadêmicos de Medicina em uma mesa redonda composta por doadores e transplantados de medula óssea, buscando esclarecer dúvidas sobre o processo de transplante e incentivar o cadastro para doação.

Relato da experiência: A mesa redonda foi realizada via videoconferência pelo Google Meets, transmitida ao vivo para o público geral pelo Youtube, em março de 2020 com duração de duas horas. A mesa foi composta por um hematologista, um doador de medula e três receptores de transplante. O encontro iniciou-se com 20 minutos para o relato da história de vida de cada um dos participantes. Os receptores de transplante narraram desde o momento de descoberta do diagnóstico até a trajetória percorrida durante o tratamento quimioterápico, a busca por um doador compatível e o transplante. Enquanto o participante doador de medula óssea trouxe sua experiência de ser acionado, do procedimento de coleta e o posterior momento de encontro com o paciente que foi beneficiado com a sua doação. Posteriormente, houve espaço para perguntas e respostas, que poderiam ser direcionadas a todos os membros da mesa. Foi evidente a quantidade de dúvidas acerca do procedimento em si, tanto da doação de medula quanto o processo de transplante, quais os tipos de transplante, quais as pessoas aptas a passar por um transplante e quais os principais riscos do procedimento. Além disso, houve grande interesse em como havia sido as qualidades do cuidado médico com esses pacientes e seu papel no processo de tratamento. Durante a transmissão da mesa, notou-se a participação significativa dos espectadores, com um total de 132 visualizações do conteúdo.

Reflexão de experiência: Por meio da experiência vivida, foi possível refletir a nobreza do gesto de doação e o quanto isso significa para o paciente que recebe o transplante. Ademais, o impacto de uma postura de empatia e cuidado do profissional de saúde na percepção do doente sobre seu processo de adoecimento e tratamento. Observou-se, também, a necessidade da desmistificação do processo de se tornar um candidato a doação de medula óssea entre a população geral.

Conclusão: É evidente que ações como a realizada no presente relato são relevantes no tocante da conscientização da população sobre a questão do transplante de medula óssea, além de retratar a realidade dos pacientes que necessitam de tal tratamento. Desse modo, fomenta-se maior mobilização social diante da causa, visando a popularização do cadastro